

## A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA DE ENSINO SUPERIOR NA FORMAÇÃO DOCENTE EM SAÚDE

Melquisedek Monteiro de Oliveira <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem no Brasil historicamente é baseado em um modelo vertical, onde o professor é o detentor do conhecimento, tendo a função de transmitir o conteúdo, enquanto que ao aluno cabe fazer anotações e exercícios de fixação para ser avaliado por meio de uma prova (ANASTASIOU, ALVES, 2009).

Nesse modelo de ensino a memorização é a base para o aprendizado, sendo importante apenas o método de aula expositiva tradicional. Por consequência, é comum ver muitos estudantes apresentarem dificuldade de aprender determinada matéria e simplesmente decoram o conteúdo que lhe foi dado em sala de aula para fazer uma prova, sem de fato tê-lo aprendido.

Em virtude disso, é bastante comum encontrar nos espaços acadêmicos professores e pesquisadores, que sem dúvida possuem grande conhecimento, mas não apresentam uma boa metodologia de ensino para transmitir tal conhecimento com maestria.

Uma queixa frequentemente ouvida entre alunos desde o período escolar até as aulas na universidade está relacionada às habilidades de uns alguns professores para ensinar. Tal problema suscita o seguinte questionamento “*Quem sabe, sabe ensinar?*”.

Esse dilema ainda é muito recorrente em cursos superiores da área de saúde, onde mesmo com a grande maioria dos professores sendo mestres e doutores, o que leva à suposição de que esses docentes estejam aptos a ensinar, muitos alunos ainda questionam a efetividade de seu método de ensino em sala de aula.

Diante dessa indagação, o objetivo deste trabalho foi trazer o relato de experiência de um aluno de mestrado que cursou a disciplina Metodologia do Ensino Superior, expondo algumas questões debatidas em sala de aula acerca da importância deste componente curricular na formação de futuros docentes.

### METODOLOGIA

---

<sup>1</sup> Mestre em Fisioterapia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [melquisedek\\_monteiro@hotmail.com](mailto:melquisedek_monteiro@hotmail.com).

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, acerca de conteúdos discutidos em sala durante a disciplina Metodologia do Ensino Superior, do Programa de Pós-graduação em Fisioterapia da Universidade Federal da Paraíba.

Durante a disciplina, além das aulas exposição dialogada, foram realizados debates por meio de rodas de conversa, discussão de artigos e apresentação de seminários. Ao final do curso, os alunos foram solicitados a entregar um portfólio contendo uma síntese crítica acerca dos aprendizados ao longo da disciplina.

Para a construção do presente relato foram consultados os materiais da referida disciplina: textos, artigos, sínteses de leituras produzidas e o portfólio. Algumas das principais considerações a respeito das condições de aprendizado no ensino superior no Brasil e da formação acadêmica em saúde estão apresentadas neste trabalho.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A educação no Brasil teve seu início com a chegada dos jesuítas portugueses com o objetivo principal de catequizar os índios. Entretanto, como não havia o interesse dos nativos à prática do cristianismo e também por parte da Coroa portuguesa, o ensino passou a se tornar privilégio dos brancos (TEXEIRA, 2015).

O ensino superior no Brasil só foi implementado com a chegada da família real portuguesa, o que representa um atraso quando comparado as colônias espanholas da América. Antes disso, apenas os ricos vindos de famílias aristocratas tinham acesso ao ensino superior indo estudar em Portugal. Nesse período foram criadas escolas de nível superior, faculdades isoladas e de natureza profissionalizante, voltado apenas ao ensino prático. Somente após a proclamação da República é que foram criadas as primeiras universidades no Brasil (TEXEIRA, 2015).

Atualmente há três tipos de graduação em cursos de ensino superior no Brasil: bacharelado, licenciatura e tecnólogo. Já a pós-graduação pode ser do tipo *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e *lato sensu* (especialização). O ensino pode ser do tipo presencial (com frequência mínima de 75%) ou na modalidade à distância (EaD), via internet.

Anteriormente, as universidades contratavam apenas professores especialistas nas suas áreas de atuação para ministrar disciplinas. Com o passar dos anos, as instituições de ensino superior passaram a exigir o título de mestre para contratação de docentes, e atualmente a maioria já exige que os profissionais sejam doutores.

Espera-se que nos cursos de pós-graduação *strictu sensu* o discente curse disciplinas de metodologia para o ensino superior ou realize estágios supervisionados de docência e, portanto, esteja preparado para utilizar estratégias de ensino que possibilitem o melhor aprendizado do aluno, seja por meio de atividades práticas, apresentação de seminários, rodas de conversa, discussão de artigos, etc.

Para Freitas et al. (2016) para que isso aconteça, é preciso que os docentes saiam do papel de transmissores do conhecimento e os estudantes têm que abandonar a posição de receptores passivos. Segundo as autoras, há duas teorias que norteiam o ensino para adultos: Aprendizagem Significativa e a Andragogia.

A teoria da Aprendizagem Significativa explica que o indivíduo é autor do seu conhecimento, seja em sala de aula, no seu ambiente de trabalho ou na sociedade. É um modelo dinâmico que exige a participação ativa dos estudantes e leva em consideração sua experiência acadêmica e seus conhecimentos prévios. Nesse sentido, o aluno deve estar disposto a aprender e precisa compreender que aquele conteúdo faz sentido para ele, e que é possível aplicar e transferir tais conhecimentos para além da sala de aula em sua vida profissional. É, portanto, diferente da aprendizagem mecânica que vemos com frequência nas escolas e no ensino superior, em que o conteúdo é repassado sem nenhuma contextualização e pouca atribuição de significados (FREITAS et al., 2016).

Já a Andragogia expõe que o ensino de adultos necessita de técnicas e métodos específicos, visto que aprendem de maneira distinta de crianças, o que a difere da Pedagogia. Essa teoria acredita que aprender é incorporar hábitos e atitudes ao longo da vida, seja na trajetória estudantil, na atividade profissional ou mesmo na vida social, e cada pessoa constrói sua identidade de forma única. Para isso, deve haver uma mudança de pensamento tanto de docentes como estudantes, de modo que o docente seja facilitador do processo de ensino-aprendizagem e não veja o aluno como um ser que depende dele para aprender, e o aluno se veja responsável pelo seu processo de aprendizagem (FREITAS et al., 2016).

Portanto, o papel do docente não é apenas ministrar conteúdos e transmitir conhecimentos, mas ser um mediador, proporcionando condições que favoreçam aos alunos superarem seus obstáculos de aprendizagem, além de ajuda-los a conquistar seus objetivos profissionais (MASETTO, 2015).

Para isso, não basta ao professor apenas ter conhecimento especializado em sua área de atuação, mas conhecer habilidades pedagógicas e saberes didáticos, a fim de ser um conscientizador, um formador de opinião e um questionador.

Enquanto isso, o aluno precisa sair de sua zona de conforto e passar a exercer um papel mais ativo nesse sistema de ensino-aprendizagem. Aprender não deve se resumir apenas a memorizar as informações, mas apreender esse conteúdo, ou seja, se apropriar, entender, refletir e desenvolver um senso crítico sobre o tema (ANASTASIOU, ALVES, 2009).

Afinal, o principal objetivo do ensino superior além de formar profissionais nas mais diversas áreas de atuação é promover o desenvolvimento científico e estimular o pensamento crítico dos indivíduos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante as discussões referentes as atividades realizadas em sala de aula junto à disciplina de Metodologia de Ensino Superior, foi possível compreender que desde a infância, ainda na escola, o processo de ensino-aprendizagem se dá por meio de um professor em uma posição de superioridade, detentor de todo conhecimento, transmitindo-o de forma vertical. O papel do aluno é somente absorver tal conhecimento oferecido, sem questionar, refletir e entender a utilidade destes ensinamentos para sua vida.

No entanto, é papel do professor estimular o senso crítico do aluno, fazendo-o pensar “fora da caixa”. É preciso levar para a sala de aula questões sobre diversidade e inclusão, e discussões que possam transformar a sociedade. Contudo, esses assuntos devem ser inseridos com cautela e levando em consideração a maturidade de cada turma, mas abrindo espaço para o diálogo e a troca de experiências, principalmente porque é nesse momento da vida que há a construção da identidade do indivíduo.

Esse processo de ensino-aprendizagem deve ser coletivo e não unidirecional, passivo. A condução do professor e a determinação do aluno devem ser igualmente responsáveis para garantir a propagação do conhecimento (ANASTASIOU, ALVES, 2009).

Ainda durante a disciplina, foi abordado o conceito da metodologia dialética, que acredita que o homem é um ser ativo e de relações sociais. Dessa forma, o conhecimento não pode ser transferido apenas por aulas expositivas onde apenas o professor é detentor da palavra, mas deve haver uma interação entre aluno-professor para que haja a construção do conhecimento (TEXEIRA, 2015).

Partindo desse pressuposto, a metodologia do ensino diz respeito as estratégias utilizadas pelo docente para ministrar os conteúdos, discuti-los em sala, e formas de avaliar os alunos. Assim, o professor deve escolher os métodos, que podem ser adaptados e reinventados, de acordo com o público alvo e os objetivos que pretende alcançar. Portanto, antes de escolher

as técnicas, é preciso que os objetivos estejam claros para o docente, para assim selecionar as ferramentas que vai utilizar.

Nas universidades, já é possível observar que alguns professores fazem uso de aulas práticas e metodologias ativas. Entretanto, ainda é visto predominantemente um modelo de ensino vertical tradicional, baseado num sistema bancário, onde o professor deposita no aluno o conteúdo proposto pela disciplina.

Um dos motivos que podem explicar esse fato é que a maioria dos professores dos cursos da área de saúde não realizaram curso de formação ou especialização na área de educação. Outro fator que também contribui para o não aprendizado dos discentes de cursos de saúde é devido a maior parte dos profissionais ao se formarem, ingressam diretamente numa pós-graduação do tipo *strictu sensu* (mestrado e doutorado) e logo depois começam a dar aula, sem terem tido experiência clínica para ministrar disciplinas práticas.

Também chama atenção o fato de que as universidades, principalmente as públicas, por serem responsáveis pela maior parte do desenvolvimento de pesquisas no país, faz com que alguns profissionais sigam a carreira acadêmica para se tornarem pesquisadores, e não por se identificarem com a prática clínica ou terem vocação para a docência.

Além disso, desde a década de 90 há uma estagnação do ensino público do Brasil, contribuindo para o surgimento de instituições de ensino privado, que tem um caráter mais profissionalizante e técnico, se distanciando das atividades de pesquisa. Em consequência disso, os discentes da área de saúde concluem seus cursos sem estarem totalmente familiarizados com o novo modelo de assistência que hoje preconiza tratar o paciente de uma forma integral, investindo na prevenção e promoção da saúde.

É papel da universidade promover a formação profissional com objetivo de solucionar os problemas e necessidades sociais, não apenas atender as regras estabelecidas pelo mercado privado. Assim, o projeto neoliberal também acaba atingindo o ensino superior e atenuando a formação crítica, reflexiva e transformadora (CATANI et al., 2001).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível perceber que o processo de ensino-aprendizagem depende diretamente dos professores e de sua formação, e há uma série de fatores que podem influenciar em sua atuação em sala de aula e no modo como o conhecimento é transmitido.

É necessário que o sistema de ensino esteja apto a preparar profissionais para a docência, e que não haja uma separação entre a prática, o ensino e a pesquisa, visando também melhorar a forma de aprendizado dos alunos e estimulando sua participação mais ativa nesse processo.

Nesse sentido, a disciplina de Metodologia de Ensino Superior se torna fundamental, principalmente para os futuros professores de cursos da área da saúde, fazendo com que compreendam as teorias pedagógicas e a importância do uso de metodologias ativas para lhe ajudar em sua prática docente.

**Palavras-chave:** Metodologia; Ensino; Aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2009.

CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F.; DOURADO, L. F. Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular nos cursos de graduação no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 22, n. 75, p. 67-83, 2001.

FREITAS, M. A. O.; CUNHA, I. C. K.; BATISTA, S. H. S. S. Aprendizagem Significativa e Andragogia na formação continuada de profissionais de saúde. *Aprendizagem Significativa em Revista*, v. 6, n. 2, p. 1-20, 2016.

MASETTO, M. T. Desafios para a docência no Ensino Superior na contemporaneidade. In: CAVALCANTE, M. M. D.; SALES, J. A. M.; FARIAS, I. M. S. F.; LIMA, M. S. L. (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola e formação de professores e a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, v. 4, p. 779-795, 2015.

TEXEIRA, M. C. *Metodologia do Ensino Superior*. Gráfica Unicentro, 2014.